

Primeiro Ministro de Portugal  
Exmo Engº José Sócrates  
R. da Imprensa à Estrela, 4  
1200-888 Lisboa

## A NOVA QIMONDA - Dez APRECIACÕES sobre a QIMONDA

A PME-Portugal sempre actuou não apenas tomando posições sobre os problemas em nome dos empreendedores e das PME de Portugal, mas sobretudo propondo soluções.

Depois de analisar a situação actual da QIMONDA, a PME-Portugal apresenta a sua proposta para o problema desta empresa e das pessoas que lá trabalham:

1. A QIMONDA ACABOU e não vale a pena imaginar e sonhar com que amanhã apareça alguém para a "comprar". Ninguém a quererá na actual conjuntura!

Por um lado, o mercado internacional dos chips está há muito em queda, e a concorrência asiática altamente focada no preço não deixa alternativa. Por outro lado enterrar mais 150 milhões de euros, numa fábrica que já recebeu 400 milhões, significa gastar dinheiro á toa, lançar recursos em cima do problema, ou seja deixar o caminho livre para oportunistas sacarem mais umas centenas de milhões de Euros.

A QIMONDA não passa de uma simples fábrica de chips, ou seja uma estrutura produtiva sem autonomia, sem vendedores, sem canais de distribuição. É mais uma unidade como outras da área têxtil, que produziam para quem vinha cá comprar. Não tem capacidade nem massa crítica para se afirmar isoladamente num mercado internacional, e mais ainda neste momento, em que a capacidade produtiva e a oferta instalada superam em larga medida a procura.

A agravar esta situação estão anunciados para breve despedimentos de centenas de trabalhadores em empresas fornecedoras da QIMONDA, muitas delas na área de desenvolvimento, cujos projectos pura e simplesmente pararam. Portanto a fase de desenvolvimento, que poderia dar carácter único e inovação a uma, ainda assim, mera fábrica, acabou.

1

Poucos sabem que a QIMONDA de Vila do Conde deve cinco meses aos fornecedores, que a foram ficticiamente aguentando. Ou seja, além de ter em insolvência o seu único cliente (a QIMONDA Holding), ainda tem débitos acumulados, que qualquer "comprador" não quererá assumir. Apostar NESTA QIMONDA e com essas dívidas não pagas, originará a curto prazo e a montante, insolvências e despedimentos colectivos, danos colaterais que não se podem impedir.

Portanto qualquer solução de "salvar a QIMONDA" é um embuste, caríssimo para os cofres públicos, e condenado a médio prazo.

2. Uma nova QIMONDA poderia sair de uma aposta numa mão-de-obra altamente qualificada, um enorme potencial de 600 engenheiros e restantes empregados especializados. Em vez de dar um subsidio que finja dar continuidade à empresa, porque não apostar na potencial capacidade empreendedora dos seus elementos? Nestes tempos de crise, precisamos de soluções novas. Não bastará que o Governo lá instale mais um centro móvel do Instituto de Emprego, como sucedeu no caso Lear da Póvoa de Lanhoso, onde contra nossa sugestão o Secretário de Estado do Trabalho decidiu que a solução se chamava um centro de emprego móvel do IIEFP na fábrica.

Que se conseguiu na Lear? Apenas empregar 8 pessoas, ou seja 1% dos funcionários despedidos. Os outros emigraram, e essa zona do alto Ave ficou como está, arruinada e empobrecida. Tememos aliás que a actual aposta em 400 unidades de apoio ao emprego, tenha o mesmo resultado.

3. O que propúnhamos para a LEAR, e não foi tido em linha de conta, era transformar aquela unidade produtiva, numa incubadora de empresas, onde se apoiassem os seus mais capazes empreendedores a criar emprego e levar por arrasto os colegas. Onde se fizesse formação em empreendedorismo, auto-emprego e gestão. Onde se desse uma NOVA OPORTUNIDADE às pessoas.

Não foi assim, e preferiu-se mais do mesmo. De mau Estado. De má moeda. Não houve outra oportunidade senão emigrar.

4. A solução que propusemos para a LEAR torna-se ainda mais actual e realista na QIMONDA. Antes do seu encerramento eminente, e de se prometer o salvamento impossível, porque não concentrarmo-nos numa solução de valor acrescentado nacional para a QIMONDA, de aposta nos seus activos (pessoas e know-how)?
5. A NOVA QIMONDA poderá ser um centro de negócios e uma incubadora tecnológica internacional, onde se gerariam muitos «spin-off's» da actual moribunda QIMONDA. Daria lugar a um centro de negócios e incubação de empresas, a constituir pelos actuais quadros da QIMONDA e por terceiros que



aproveitassem o enorme potencial de know-how que existe, mas com base nacional e capacidade comercial, capacidade produtiva instalada.

6. Nesta NOVA entidade, haveria espaço para criação de empresas, espaços de formação em empreendedorismo, gestão, internacionalização e reconversão dos actuais funcionários, onde seriam canalizados recursos públicos que existem por disponibilizar ainda no QREN.

Seria uma solução de proximidade para a manutenção das pessoas em actividade (nas empresas a criar ou em formação), que não afectaria assim o já tão frágil tecido social da região norte, onde os fenómenos da pobreza emergem.

7. A PME-Portugal tem vindo a denunciar há mais de dois anos estes fenómenos. Esta pobreza continuada que assola toda a região, e que aumenta a emigração. Uma pobreza contida, mas que desertifica. Uma pobreza que se disfarça e minora com a emigração.

Mas uma pobreza que faz falir fábricas, e por consequência diminuir exportações, acaba com o comércio tradicional local, e fundamentalmente, desestrutura toda uma malha social que não resiste à falta de rendimento disponível.

Esta pobreza está longe de Lisboa e dos holofotes. Mas vem crescendo a uma velocidade exponencial, em que a solução infelizmente tem sido emigração ou outros expedientes, muitos dos quais marginais ou a roçar a criminalidade.

As pessoas habituaram-se a um padrão de vida que não podem manter. Não é que fosse muito elevado, mas a própria sociedade não permite que de um dia para o outro os cidadãos abram insolvência, liquidem dívidas com bens que possuam e recomecem de novo. Pessoas que estão nas mãos dos bancos, e fazem o que puderem para pagar a casa. E isso gera fenómenos imprevisíveis.

8. Mas a NOVA QIMONDA é possível. Imaginemos que dos actuais empregados, um terço se envolve nas empresas a criar. Seria magnífica a explosão do potencial empreendedor, da mais-valia nacional gerada localmente. Com formação e com subsídio de desemprego, entretanto seriam encontradas no mercado soluções para as restantes pessoas. Não será melhor isso do que prometer o impossível, que mais do que voluntarismo, é enganar os pacientes?
9. A NOVA ENTIDADE a sair da VELHA QIMONDA é possível com 10% ou 20% do valor que se anuncia para lá injectar. A PME Portugal tem a solução testada, boas práticas e também sucessos, ainda que não mediatizados. Já conseguimos criar uma entidade, que desde Junho atraiu 35 empresas tecnológicas e criou 155 postos de trabalho altamente qualificados. Tudo com apoios públicos comunitários residuais de apenas 1,7 milhões de Euros !

10. A PME Portugal propõe portanto soluções com provas dadas, efectivas, de base nacional e com elevado custo/benefício. É essa a solução, e é por aí o caminho, pois no meio da actual crise, nunca se encontrarão compradores sérios. E a solução não pode esperar mais um mês.

REINVENTAR PORTUGAL é aquilo que globalmente propomos. A NOVA ENTIDADE é solução que estamos em condições de conceber, projectar e implementar no curto prazo. Antes que a defunta QIMONDA caia de vez, e se perca o seu potencial: as PESSOAS !

Com os melhores cumprimentos.



Joaquim Rocha da Cunha  
Presidente da Associação das PME –Portugal  
Senior Vice-Presidente da confederação europeia de PMEs, ESBA